

Ana Sérió Desocultações com tinta sobre papel

❑ Durante algum tempo, o tempo de Ana Sérió enchia-se de tintas que se ocultavam e desocultavam umas às outras, gestos sem memória representativa mas carregados de grande força lúdica, aliás dissonantes com os projectos paralelos através da escultura ou do design.

As obras expostas na Galeria Sopro são apresentadas como Desenho, Pintura e Escultura. Embora essa implícita relação pareça possível, em princípio, a verdade dá mais autonomia aos géneros ou meios, deslocando-se a escultura do contexto mais apreciável. O processo pictórico, forte, em ruptura com o que sobra de decifração denotativa (um novelo, uma janela, tecidos suspensos), fecha o real visível atrás do espelho pelo qual costumamos confirmar e infirmar o real. Então a autora insiste na ideia de «símbolo» ou «antecâmara» do segredo.

O texto que a galeria nos fornece confirma esta ideia da sequência de propostas gestuais, sobretudo na pintura, entre falsas conotações de quaisquer inícios representativos (denotativos), apesar de títulos que confundem poeticamente a nossa

claramente comprometidos com o fazer agilizado da pintura e a raiz motora do braço e do instrumento. A circularidade é intrínseca a todo o nosso desenvolvimento nas escritas, acabou consagrado na geometria e e na vontade de dizer o espaço em volta. Nos outros casos, bem podemos reinventar o que nos é dado ver, imaginando decifrações incompletas. Esse sim, é o nosso papel principal, apelando ao mesmo tempo para indicadores da sensibilidade poética nes tipo de formas plásticas.

É o que me acontece ao viajar por estas peças numa deriva de inventor de significações. Ana Sérió parece-me pouco interessada nesse esforço, no qual talvez possa ter pensado, antes comprometida com alguma *construção* capaz de superar a simples *garatufa*, na força sensual de certa impulsividade com que maneja as matérias e lhes imprime grandeza, poder afirmativo, encerramento territorial em jeito de indicação atractiva dos meios e das formas *repentinamente* sobre o papel. Os vazios reportam a envolvimento das manchas, mas não lhes garante o



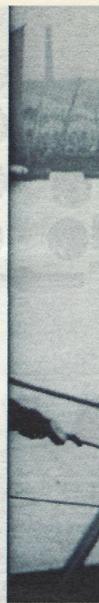
Ana Sérió **O interior de um sonho que nos apetece visitar**



presenças mais enigmáticas. A par disso, como fundo, são enunciadas eventuais influências literárias ancoradas em obras diversas, em especial de Jorge Luis Borges e Lewis Carroll. Parece-me pouco instalada a passagem dessas influências que problematizam a pintura no âmbito dos espelhos, da ilusão, da circularidade, além da duplicidade e do eterno retorno. A possibilidade de reverter imagens, numa «janela» que pode traduzir-se por espelho, não é traída pelo título mas fica comprometida noutros pontos,

de sensibilidade, terei de colocar as caixas e os espelhos integrados: pouco seria que o seu intuito se circunscrevesse a uma passagem mediadora entre a sua *lógica* e a outra voz que vem inserir na palpitação dos registos gestuais sobre papel.

Infinidade (coisa inominável em última instância) fica mais perto do enigma, entre os impulsos do espaço onírico e do desejo. Essa intensidade aponta caminhos geminados e perturbantes, o interior de um sonho que nos apetece visitar amanhã. **JL RS**



Fantasia Lisit

CINEMA
Manuel

Fantasia
Lisit

❑ Ano da guerra encontra-se a Alemanha e a Dinamarca, a França. Os identificados constroem-se de concentrações genocídio. Q Portugal, pa delegações g cas, mantem neutro. É an e exibição da a Exposição guês, grand